

UM ENSAIO SOBRE O DISCURSO FILOSÓFICO DA PÓS-MODERNIDADE

AN ESSAY ON THE PHILOSOPHICAL DISCOURSE OF POSTMODERNITY

José Dantas Sousa Júnior*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Procuramos neste trabalho levar aos leitores informações sobre o atual momento da sociedade contemporânea a partir da visão de pesquisadores do mundo social. Procuramos diferenciar pós-modernismo e modernismo, de pós-modernidade e modernidade, em uma discussão sobre o consumo e a internet na vida das pessoas.

Palavras-chave: modernidade; pós-modernidade; consumo; pós-modernismo; rede.

ABSTRACT

In this work we seek to provide readers with information about the current moment in contemporary society from the perspective of researchers from the social world. We seek to differentiate between postmodernism and modernism, from postmodernity and modernity, in a discussion about consumption and the internet in people's lives.

Keywords: modernity; postmodernity; consumption; postmodernism; network.

*Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), possui Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade federal de Campina Grande (UFCG) e Bacharelado em Administração pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Pesquisador nas áreas de pós-modernidade, consumo, violência e religiosidades. Contato: yjunior2013@yahoo.com.br

Artigo Recebido em: 10/05/2021. Aceito em 23/08/2023.

INTRODUÇÃO

Levantamos, neste artigo científico, os principais aspectos relativos ao que é definido por muitos autores da Sociologia como sendo a pós-modernidade. Começaremos falando deste termo “pós-moderno”, que varia de acordo com a perspectiva de cada um dos vários estudiosos deste tema. Dentre as formas em que é classificado, existem pesquisadores que preferem denominar de “modernidade tardia”, “capitalismo tardio”, “modernidade líquida” ou “pós-modernismo”. Faremos uma breve análise deste mundo pós-moderno com suas devidas características.

O termo citado já foi utilizado antes, desde a década de 30 do século passado, por especialistas em arquitetura, assim como também já deve ter sido dito também por outras pessoas ao tentarem classificar alguma coisa ou acontecimento. Para o estudo das Ciências Sociais, foi usado pela primeira vez pelo filósofo francês Jean-François Lyotard, em *A Condição Pós-Moderna* (2000). Depois foi sendo aprofundado e discutido por outros pesquisadores do universo social. Para Lyotard, a decadência das metanarrativas da modernidade causou uma série de transformações na sociedade atual, principalmente nas áreas da cultura, da ciência e das artes. A não aceitação de uma verdade absoluta, a desconstrução dos discursos rígidos da modernidade, causou uma busca por novas explicações e novas experiências. Entrou em cena a liberdade e a vontade de conhecer novos padrões, em uma realidade que é marcada pela incerteza das coisas.

Dos autores-pesquisadores da pós-modernidade, David Harvey (1992) vê a sociedade ou a condição pós-moderna decorrente de três grandes revoluções industriais: sendo uma primeira no século XVIII, uma segunda no final do século XIX, e por fim, uma que ocorre na segunda metade do século XX. Esta última é denominada por Harvey como a revolução da telemática. Todas estas levando a alterações na relação do tempo-espço e na forma de produção e acumulação capitalista. Consequentemente, trazem uma nova forma de se perceber o mundo, tanto na parte filosófica, como na sua estética, além de influências nas culturas locais e nas relações de consumo, em um mundo globalizado.

A palavra pós-modernidade pode aparecer como uma negação, uma contraposição ou até mesmo como uma continuação do que se chamava de modernidade, mas com certeza representa uma mudança, um novo estágio da história humana, alguma coisa que seja mais do que uma continuação. Para Peter Burke (apud EVANGELISTA, 2007), “o conceito de modernidade é tão impalpável que melhor seria descartá-lo por completo” (p.41), e para Krishna Kumar (1996), os termos modernidade e pós-modernidade são colocados em sentidos tão contraditórios que, ao invés de ajudar na sua compreensão, acabam por atrapalhar a análise.

Fazemos aqui um breve ensaio sobre este presente momento, como uma forma de clarear informações sobre o atual contexto dinâmico e conturbado em que vivemos. Primeiro uma leve discussão e diferenciando a pós-modernidade e o pós-modernismo. Consequentemente, um debate sobre se passamos do estágio da modernidade para a pós-modernidade e como estamos inseridos na sociedade do consumo. Salientando no final que hoje em muitos momentos não vivemos mais em sociedades físicas e sim em redes.

PÓS-MODERNIDADE E PÓS-MODERNISMO

Além da visão desses autores recém vistos, existem também outras definições para a pós-modernidade, como a de Fredric Jameson, que a define como “capitalismo tardio” e vê neste um “pós-modernismo” e não uma pós-modernidade. Esse pós-modernismo não é a dominante cultural de uma ordem social totalmente nova, mas é apenas o reflexo e o aspecto concomitante de mais uma modificação sistêmica do próprio capitalismo. Para Jameson (1996), “a pós-modernidade reproduz a lógica do capitalismo da sociedade de consumo, através da transformação da realidade em imagens e da fragmentação do tempo em uma série de presentes perpétuos” (p.139).

O termo pós-modernismo foi inicialmente utilizado para nomear uma série de novos discursos e práticas artísticas e culturais que surgiam no âmbito da música, do teatro, arquitetura, do paisagismo e das artes visuais a partir da década de 60 do século passado. Mas a variedade e amplitude destes fenômenos não foi cabível apenas à definição de pós-modernismo. O conceito

passou a abarcar não apenas uma via de abordagem ou mesmo somente um eixo central de questões. Mas uma série de acontecimentos e transformações no mundo artístico que geraria ou necessitaria mais à frente de uma definição de algo sobre o que seria pós-moderno.

Na visão de Jameson, a sociedade contemporânea passa por uma crise da capacidade intelectual de compreender objetivamente o mundo. Além disso, acha que na cultura pós-moderna toda a produção estética foi influenciada e ditada pelo capital. Consequentemente, lançada à produção de mercadorias em geral. Com uma situação esquizofrênica em que se encontra o indivíduo moderno, perde-se a capacidade de análise desses processos. Para Jameson, a pós-modernidade e a globalização fazem parte dos mesmos fenômenos, de uma forma em que uma possa ser a outra, devido às suas características e à capacidade de transformarem as coisas. Isto ocorrendo em vários setores da sociedade, como na arte, por exemplo. Desta forma, a arte perdeu a singularidade, não existe mais o talento do artista. Hoje a arte é voltada para a demonstração de algo necessário de ser demonstrado dentro de uma lógica de mercado.

Em outros campos, como o da economia, a visão principal não é mais do produto e do consumidor. A preocupação agora é com a especulação financeira, a forma como ela se apresenta e se expande além de fronteiras. Da mesma forma em que se expande, chegando às indústrias em novos países, não se preocupam com questões sociais, apenas econômicas. Resta a responsabilidade de resolver os problemas causados pelo desenvolvimento desigual de regiões e sob o efeito da globalização. Dentro desse contexto, muitas pessoas confundem o termo “modernidade” ao acharem que tem o mesmo significado de “modernismo”. Embora possa parecer que estamos falando da mesma coisa, existe uma diferença. Para Kumar (1996), a modernidade é um fator ligado à política e a questões ideológicas, enquanto que o modernismo é um tema voltado para a cultura e para a estética. Nessa mesma visão, poderia ocorrer que pós-modernidade e pós-modernismo tivessem também a mesma diferenciação. Porém, não possuem diferenças, já que a pós-modernidade e a globalização fizeram com que os campos econômico, político, social e cultural não fossem mais divididos no espaço social.

As pessoas podem escolher e o caminho escolhido vai estar inserido na economia, no social e cultural. Mas agindo sob pressões externas, já que, para Kumar...

A maioria dos teóricos afirma que as sociedades contemporâneas demonstram um novo ou reforçado grau de fragmentação, pluralismo e individualismo. Isso se relacionaria em parte com as mudanças ocorridas na organização do trabalho e na tecnologia, destacadas pelos teóricos pós-fordistas. Pode ser associado também ao declínio da nação-estado e das culturas nacionais dominantes. A vida política, econômica e cultural é agora muito influenciada por fatos que ocorrem no nível global. Esse fenômeno teve como um de seus efeitos, inesperadamente, a renovada importância do local e uma tendência para estimular culturas subnacionais e regionais. (KUMAR, 1996, p. 132)

JÁ ESTAMOS NA PÓS OU AINDA NÃO SAÍMOS DA MODERNIDADE?

Nem todos os estudiosos do mundo social aceitam o termo pós-modernidade, já que negam esta passagem para um novo estágio. Chegam em alguns termos a concordar com Habermas em que vivemos ainda um projeto inacabado da modernidade. Para estes, para este novo estágio, teríamos que antes vencer os problemas, os paradigmas que surgiram junto com a modernidade, com o advento do sistema de produção capitalista e de problemas sociais e econômicos emergentes da época. Como Rouanet (1993), que acusa os pós-modernistas de atribuírem à pós-modernidade idiossincrasias que na realidade são modernas. O autor nega essa ruptura, classifica como sendo nada mais do que uma intensificação da modernidade. As principais características vistas na pós-modernidade, tais como a predominância da informação, o avanço da tecnologia, o consumismo, entre outras, são na verdade elementos tipicamente modernos. Além disso, na visão de Rouanet, grande parte das críticas que os pós-modernos lançam sobre a modernidade constitui-se em críticas que os próprios modernos já faziam no início sobre si mesmos. Para Rouanet, ao tentar despedir-se da modernidade, o homem contemporâneo ilusoriamente fantasia uma pós-modernidade que na realidade não existe.

Levamos em conta também o conceito dado por Antony Giddens, que rejeita o termo “pós-modernidade” e prefere utilizar “Modernidade Tardia”, no qual para este autor ainda vivemos as consequências da modernidade. Nesse sistema

atual, a reflexividade é uma das principais características e a questão do self é fundamental para a análise do sociólogo que deve procurar superar a dicotomia indivíduo e sociedade, com suas abordagens subjetivas e objetivas. Nesse novo contexto...

Nenhuma quantidade de conhecimento acumulado sobre a vida social poderia abranger todas as circunstâncias de sua implementação, mesmo que tal conhecimento fosse inteiramente distinto do ambiente ao qual ele é aplicado. Se nosso conhecimento do mundo social simplesmente melhorasse cada vez mais, o escopo das consequências inesperadas poderia tornar-se cada vez mais confinado e as consequências indesejáveis cada vez mais raras. A reflexividade da vida social moderna, no entanto, impede esta possibilidade e é ela mesma a quarta influência envolvida. Embora menos discutida em relação aos limites da razão Iluminista, ela é certamente tão significativa quanto qualquer uma das outras. Não é uma questão de não existir um mundo social estável a ser conhecido, mas de que o conhecimento deste mundo contribui para seu caráter instável ou mutável. (GIDDENS, 2006, p.44)

Giddens vê a globalização como o maior fator de mudanças do mundo contemporâneo. A globalização corresponde a um termo bem abrangente e não é nossa finalidade aprofundarmo-nos nesse tema, mas levamos em consideração o que foi comprovado por esse autor, já que não é possível estudar consumo e pós-modernidade sem perceber o poder da globalização e da expansão do capitalismo invadindo culturas ao redor do mundo. Enquanto elemento fundamental do mundo pós-moderno, ou da modernidade tardia, Giddens diz que...

A globalização — que é um processo de desenvolvimento desigual que tanto fragmenta quanto coordena — introduz novas formas de interdependência mundial, nas quais, mais uma vez, não há "outros". Estas, por sua vez, criam formas de risco e perigo ao mesmo tempo em que promovem possibilidades de longo alcance de segurança global. (GIDDENS, 2006, p. 153).

Hoje com o mundo mais globalizado e globalizante, houve processos de aculturação dos povos, de misturas e da formação de novos grupos e relações sociais. No desenvolvimento da globalização, houve vários problemas de desigualdade social e econômica. De acordo com Bauman, com a desigual distribuição dos modos de produção, acarretou desde uma elite global, que

estava pronta para aceitar esse processo, até os “últimos da fila”, os que eram menos beneficiados por esse progresso e que assim pretendiam se amarrar com a sua cultura local. Dentro deste novo mundo existem as pessoas que são mais aptas a se adequar às novas regras do consumo moderno. Pessoas que possuem mais capitais, não somente financeiro, mas também cultural e social, tendem a fazer parte desta moda. Mas nem todos fazem parte das elites globais. Assim como Bauman, Giddens não vê a pós-modernidade como uma ruptura com a modernidade e sim uma continuidade, porém, de uma forma mais radicalizada. Uma maneira mais justa de definir e de pesquisar o mundo atual. Para Giddens...

A ruptura com as concepções providenciais de história, a dissolução da aceitação de fundamentos, junto com a emergência do pensamento contrafactual orientado para o futuro e o “esvaziamento” do progresso pela mudança contínua, são tão diferentes das perspectivas centrais do Iluminismo que chegam a justificar a concepção de que ocorreram transições de longo alcance. Referir-se a estas, no entanto, como pós-modernidade, é um equívoco que impede uma compreensão mais precisa de sua natureza e implicações. As disjunções que tomaram lugar devem, ao contrário, ser vistas como resultantes da auto-elucidação do pensamento moderno, conforme os remanescentes da tradição e das perspectivas providenciais são descartados. Nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém, estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização. (GIDDENS, 2006, p.57)

PÓS-MODERNIDADE E SOCIEDADE DO CONSUMO

Bauman (2009), dentre outros sociólogos, ao analisar a pós-modernidade, também leva em questão um dos seus maiores aspectos, que é a globalização, como vimos acima. Muito mais do que se imagina, ela reflete na vida cotidiana das pessoas dentro do espaço urbano. Sabemos que a globalização não é apenas um fenômeno econômico, pois atinge praticamente todas as esferas das sociedades e é responsável pela transformação do espaço e do tempo, uma mistura complexa de processos, mas que atuam de maneira contraditória, gerando conflitos e mudanças nas relações e nas posições sociais das pessoas. Reflete tanto na cidade como no campo. Nas relações e nos comportamentos. Nas decisões de vida. No mundo moderno, as pessoas em seu novo contexto passam a ter medo do que Bauman (2009) define como “miséria social”.

Bauman analisa que no mundo pós-moderno os ricos tendem a se tornarem mais ricos, enquanto os pobres cada vez mais pobres, já que os primeiros procuram individualmente e narcisicamente, manter e aumentar as suas riquezas, já que a falência e a pobreza não são algo tão distante como em tempos atrás. Existe um medo do que essa pobreza pode trazer, tanto em termos individuais, como sociais e passa-se a ter um sistema de controle de vigilância quanto ao que pode ser decorrente desta desigualdade social. A cidade contemporânea é marcada pela insegurança, pelo medo e decorre assim uma busca sem fim por tudo que possa, pelo menos e aparentemente, trazer segurança contra tudo que for “estranho” e perigoso.

Bauman (2011) apresenta como sintoma da modernidade líquida, assim como analisava este novo estágio da história humana, o consumismo, que não consiste no hábito de se consumir apenas aquilo de que se necessita, mas representa o excesso de aquisições desnecessárias, supérfluas. As pessoas consomem, muitas vezes, para ostentação. Desse modo, as compras não têm relação com necessidades, mas são realizadas. Trata-se de um desejo caprichoso de consumir cada vez mais. Nesse sentido, Bauman (2001) destaca que o consumismo é a manifestação da quebra dos sólidos em sua máxima potência, produzindo um mundo dos líquidos em que tudo é rapidamente desfeito e assume novas configurações. A vida, em tal perspectiva, é movida pelo consumo, pela sedução capitalista, pela ilusão do ter, do poder para inflar a própria autoestima e identidade pessoal. Predomina o vício das compras como “[...] manifestação aberta de instintos materialistas e hedonistas adormecidos” (BAUMAN, 2001, p. 95). Permeia essa visão consumista uma visão materialista da vida, já que não se busca a vida eterna, mas, sim, uma vida maximamente feliz pela posse dos bens terrestres, sendo o consumo essencial nesse processo.

Bauman (2008) destaca o quanto a sociedade de consumo atribui poder às pessoas para que se sintam bem enquanto compram, contribuindo, por outro lado, para o entendimento de que as pessoas, nesse processo, são, segundo o mercado, encaradas como mercadoria. A vida nas redes sociais também cria um ambiente artificial em que o ilusório parece real. Principalmente para os adolescentes, que vivem imersos em “confessionários eletrônicos portáteis” (BAUMAN, 2008, p. 9). Trata-se de uma nova sociedade que não tem limites para

a separação entre privado e público. Bauman (2008) trabalha a ideia de que o consumismo, com todos os seus fetiches, acaba se tornando a “[...] principal força propulsora e operativa da sociedade” (BAUMAN, 2008, p. 41). Ainda sobre o consumismo, Bauman (2008) afirma:

Além de ser um excesso e um desperdício econômico, o consumismo também é, por essa razão, uma economia do engano. Ele aposta na irracionalidade dos consumidores e não em suas estimativas sóbrias e bem informadas; estimula emoções consumistas e não cultiva a razão. Tal como ocorre com o excesso e o desperdício, o engano não é um sinal de problema na economia de consumo. Pelo contrário, é sintoma de sua boa saúde e de que está firme sobre os trilhos, é a marca distintiva do único regime sob o qual a sociedade de consumidores é capaz de assegurar sua sobrevivência. (BAUMAN, 2008, p. 65).

A dimensão do consumo na sociedade atual atingiu tais limites que o filósofo francês Gilles Lipovetsky denomina o atual estágio como sendo a sociedade do hiperconsumo. Está caracterizada pela busca da felicidade relacionada e justificada pelo consumo de objetos. Para tanto, os produtos e serviços à venda impregnam-se de sensações e mensagens para estimular sentimentos desta felicidade. Este é o que fazem as marcas, que impregnam as ofertas de alma, personalidade e de apelo sensorial. Desta forma...

Entramos no universo do hiperconsumo quando o gosto pela mudança se difundiu universalmente, quando o desejo de ‘moda’ ultrapassou a esfera da indumentária, quando a paixão pela renovação adquiriu uma espécie de autonomia que torna secundárias as lutas da concorrência pelo estatuto, as rivalidades miméticas e outras febres conformistas. (LIPOVETSKY, 2007. p. 38)

Maffesoli (1999), autor especialista em consumo e em pós-modernidade, não vê a economia como a responsável pela crise mundial existente. O que causou a crise existente foram vários aspectos da modernidade que se desenvolveram de uma forma mais perplexa na pós-modernidade. Aspectos como a individuação, o utilitarismo, a imagem do futuro como sendo o verdadeiro progresso e a racionalidade, esse último já previsto antes por Max Weber. Para Maffesoli, o conceito de Estado-nação antes existente, que uma sociedade dava poder ao governo, deu lugar para um mosaico de ideias e para um verdadeiro localismo. Não existe mais o poder do Estado sobre as pessoas e nem um senso

de solidariedade entre elas, como previa Durkheim. Desta forma, em um país ou região, nem os governos e nem a economia têm mais força como antes. Os sentimentos e atitudes individuais e a lógica do consumo e inovação ultrapassam todos os limites e fronteiras. Hoje, com o poder da internet e o dinamismo da sociedade pós-moderna, não existem mais indivíduos e sim pessoas múltiplas.

Segundo Maffesoli (1998), a sociedade vive dentro de um imaginário, que é diferente do que se entende por cultura. Esta última é constituída por elementos ponderáveis passíveis de descrição. Sejam obras de arte, música ou televisão. Pode manifestar-se mais visivelmente no modo das pessoas se vestirem, de se relacionarem e se comunicarem. De outra forma, o imaginário é o estado de espírito que está presente em um povo, em uma comunidade. O imaginário é como se fosse uma matriz, algo construído de forma social e espiritual, não quantitativo, cabendo ao sociólogo identificá-lo, pois é ele o que move as ações da sociedade em uma cultura marcada pelo consumo e pelo consumismo. De acordo com Maffesoli, não é a imagem que produz o imaginário e sim o imaginário que produz a imagem, de forma que a imagem não é o suporte ou a causa, e sim o resultado.

A SOCIEDADE E A VIDA EM REDE

Ao analisarmos o mundo pós-moderno, também podemos vê-lo dentro de um ambiente virtual cada vez mais informatizado, entrelaçado e sofisticado pelo avanço da tecnologia. Temos a internet como um elemento motor dessa nova forma de relação social. Para analisarmos o atual momento em que atravessamos, levamos em conta Manuel Castells (2002) que denomina este contexto como sendo uma “Sociedade em rede”. Dentro dessa rede, conversamos com pessoas, resolvemos problemas, lemos jornal, expomos nossa privacidade, fazemos praticamente tudo o que faríamos há três décadas atrás em outro ambiente de interação, inclusive procurando bens de salvação nesse contexto. As pessoas necessitam fazer parte e, para isso, necessitam consumir todos os seus produtos – telefones celulares, tablets, notebooks – aumentando cada vez mais a procura por eles, além de serem cadastrados em redes sociais, sendo essa uma forma de não se sentirem excluídas na sociedade do consumo.

Podemos dizer que vivemos em uma sociedade da informação. Segundo Castells (2003) essa sociedade é a representação de um período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica, movida pelas tecnologias digitais, tanto de informação como de comunicação. O seu funcionamento advém de uma estrutura social que está formada em uma rede, que envolve todos os âmbitos da atividade humana, numa relação de interdependência multidimensional, que depende dos valores e dos interesses subjacentes em cada país e organização. Existe um processo de interação que é exterior aos indivíduos e age muitas vezes de forma despercebida. As pessoas vivem vigiadas em um sistema panótico ou sinótico sem perceberem. As pessoas estão incluídas na rede com ou sem a sua própria permissão. Da mesma forma que na sociedade e cultura do consumo, como já vimos nos pressupostos de Bauman.

Desta forma surge a sociedade em rede, uma estrutura social, que pauta relações de produção, consumo e experiência, para além das variáveis já existentes. Dentro deste contexto, as redes sociais são transportadas para essas plataformas, sendo já seculares evidenciadas na história política, social, econômica e cultural da humanidade. As novas tecnologias permitem uma coordenação diferenciada, que ultrapassa a importância do conceito do tempo e espaço. Quanto mais relevante é a informação, e mais capacitada está a capacidade de ser retida, de a transportar e de a usar, mais pertinente se torna a sua inclusão na rede. Assim, entram em cena as redes sociais que são programadas pelos seus protagonistas e pelas instituições que as norteiam e, de um modo ou de outro, as controlam. As suas lógicas são impostas nos componentes humanos dessas redes, com as alterações a gerarem elevadas despesas econômicas e sociais, tanto pelas transformações de valores, culturais e educacionais que acarretam, como também pelos custos subjacentes às tecnologias exigidas pelos contextos vividos.

No mundo pós-moderno – como preferimos chamar –, é muito difícil uma pessoa não fazer parte de alguma rede de relações socio-virtuais, tais como Facebook, MySpace, WhatsApp ou Twitter, por exemplo. Bauman (2013) vê a dependência dessas pessoas a estas redes, especialmente os jovens. Dentro dessa perspectiva, a internet serve como produtora de desejos pessoais e de

indústrias culturais que aceleram o universo de consumo. Sobre o mundo líquido moderno, esse sociólogo pesquisador das relações sociais afirma:

Tudo somado, a internet facilita demais, incentiva e inclusive impõe o exercício incessante da reinvenção numa extensão inalcançável da vida off line. Esta é, sem dúvida, uma das mais importantes explicações para o tempo que a “geração eletrônica” gasta no universo virtual: o tempo gradual e crescentemente utilizado no mundo virtual em detrimento do passado no mundo “real” (off-line). (BAUMAN, 2013, p. 25)

Podemos concordar com estes autores que estamos dentro de uma rede sócio-virtual também que a rede abrange diversas esferas da sociedade, tanto política, como cultural, midiática e outras mais. Nela as relações não são mais pessoais, mas muitas delas virtuais. Dentro dessa rede as relações surgem mais rápidas, da mesma forma em que acabam. Existem mais trocas de mensagens e de imagens. As relações sociais deixaram de ser “face a face” para se tornarem “tela a tela”. Dentro deste contexto, Manuel Castells avalia que...

A cultura da internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia. (CASTELLS, 2003, p.53)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, podemos concluir concordando com Bauman (2008) quando o autor estabelece uma distinção clara entre consumo e consumismo: o consumo em si não é negativo, é uma necessidade vital humana; já o consumismo é característica de uma sociedade cujos valores são demasiadamente materialistas e o consumir está associado à concepção de identidade dos sujeitos de uma determinada sociedade. Um dos sintomas desta sociedade que se caracteriza como modernidade líquida é o hábito consumista, diante do qual se abandonam os ideais transcendentais; apela-se para o consumo acentuado de bens materiais. Não se trata de possuir bens por uma questão de necessidade, mas de ostentar uma identidade virtual possibilitada pela posse de bens, ilusória, fugaz.

Os teóricos acima discutidos possuem uma clara visão do mundo pós- ou ainda moderno. Cada um com suas teorias, umas diferentes das outras, mas nos enriquecem de informações. Quanto ao paradigma de que se estamos ou não na pós-modernidade, podemos dizer que sim, que estamos em um estágio de hipermodernidade, como afirma Lipovetsky. Os problemas da modernidade continuam, talvez nunca sejam resolvidos, mas estamos em um estágio mais avançado na tecnologia, na sociedade de rede, no consumo, na internet, de reações sociais. Em um mundo mais veloz e mais fluido. Como afirma Bauman, em um mundo líquido pós-moderno.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Tempos Líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Vidas Desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BURKE, Peter. **As Máscaras Seculares do 'Moderno'**. Folha de São Paulo, Caderno Mais. 14 de julho de 1996.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **A Sociedade em Rede**. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

GIDDENS, Anthony. **O Mundo na Era da Globalização**. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

KRISHAN, K. Modernidade. In OUTHWAITE, Willian e BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**: Jorge Zahar, 1996.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

LYOTARD, J. F. **A Condição Pós-Moderna**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2007.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.